



O grande destino do homem: o céu, o inferno e a esperança cristã

Todos os domingos, milhões de católicos no mundo pronunciam quase sem parar uma frase breve e solene no final do Credo: «**E a vida eterna. Amém.**»

São apenas algumas palavras. Contudo, elas contêm uma das verdades mais profundas, consoladoras e também mais exigentes de toda a fé cristã.

Vivemos numa época obcecada pelo presente. Tudo parece imediato: notícias rápidas, vídeos de poucos segundos, gratificação instantânea, consumo constante e um medo permanente de perder tempo. Mas precisamente por isso o último artigo do Credo ressoa hoje com ainda mais força: o homem não foi criado apenas para alguns anos nesta terra. Foi criado para a eternidade.

A Igreja, desde os Apóstolos até os nossos dias, nunca deixou de ensinar esta verdade fundamental: **a vida humana não termina com a morte**. Depois desta existência temporal começa outra vida — definitiva, eterna, irreversível e cheia de consequências.

O antigo catecismo resume-o claramente:

«*Depois da vida presente, há outra, ou eternamente bem-aventurada para os escolhidos no céu ou eternamente infeliz para os condenados no inferno.*»

Estas palavras podem parecer duras ao homem moderno. Mas, na realidade, elas contêm uma imensa dignidade sobre a pessoa humana. A nossa vida importa. As nossas decisões têm peso eterno. O amor, a fé, o pecado, a conversão, a graça e a liberdade não são jogos passageiros: moldam o nosso destino eterno.



A saudade da eternidade que habita no coração humano

Mesmo que muitos tentem viver como se Deus não existisse, o coração humano continua a ter fome do infinito.

Isso nota-se em tudo:

- no desejo de não morrer;
- no medo do esquecimento;
- na busca constante da felicidade;
- na necessidade de amar para sempre;
- no sofrimento causado pela separação e pela morte.

Santo Agostinho expressou-o magistralmente:

«Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti.»

O homem moderno pode encher a sua vida de entretenimento, tecnologia, viagens ou prazer, mas mais cedo ou mais tarde surge a grande pergunta:

E depois?

O Credo responde claramente:

- depois desta vida vem a eternidade;
- depois do tempo vem o julgamento;
- depois da peregrinação chega o destino definitivo.

A fé católica não ensina um ciclo interminável de reencarnações nem uma dissolução impessoal da alma. Ensina algo muito maior: cada pessoa é única, irrepetível e chamada a viver eternamente diante de Deus.



O céu: muito mais do que uma bela ideia

O que é realmente o céu?

Frequentemente o céu é representado de forma infantil:

- nuvens,
- harpas,
- anjos flutuantes,
- imagens sentimentais.

Mas a doutrina católica ensina algo infinitamente mais profundo.

O catecismo tradicional afirma:

«A bem-aventurança dos escolhidos consiste em ver, amar e possuir Deus para sempre, fonte de todo o bem.»

O céu é, antes de tudo, a união perfeita com Deus.

Não é simplesmente um lugar bonito.

Não é uma recompensa material.

Não é uma versão melhorada da terra.

O céu é o cumprimento absoluto da alma humana na contemplação de Deus.

A teologia chama isto de **visão beatífica**: ver Deus «face a face».

São Paulo escreve:

«Agora vemos como por um espelho, obscuramente; mas então veremos face a face.» (1 Cor 13,12)



Todo o desejo humano encontra ali o seu cumprimento:

- o desejo de verdade,
- o desejo de beleza,
- o desejo de justiça,
- o desejo de amor,
- o desejo de felicidade.

Porque não podemos imaginar a glória do céu?

A resposta 248 do catecismo diz algo extraordinário:

«*Não podemos compreender a bem-aventurança da glória, porque ultrapassa o nosso entendimento limitado.*»

Isto tem enormes consequências espirituais.

Muitas vezes pensamos no céu usando categorias terrenas. Mas o céu ultrapassa radicalmente a nossa experiência atual.

A Escritura expressa-o assim:

«*Nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem jamais penetrou no coração do homem aquilo que Deus preparou para os que O amam.*» (1 Cor 2,9)

Toda alegria terrena é apenas uma sombra:

- a alegria de uma família unida,



- a paz depois do sofrimento,
- o nascimento de um filho,
- a contemplação de uma paisagem,
- o verdadeiro amor,
- a beleza da liturgia,
- a emoção da música sacra.

Tudo isso são apenas pequenos reflexos do Bem infinito que é Deus.

Por isso os santos falavam do céu com lágrimas de desejo. Compreendiam que a vida presente, mesmo nos seus melhores momentos, continua a ser uma peregrinação.

A tragédia moderna: viver sem pensar na eternidade

Um dos dramas espirituais do nosso tempo é que muitos batizados deixaram de pensar nas últimas coisas:

- morte,
- julgamento,
- céu,
- inferno.

No entanto, durante séculos estes temas ocuparam um lugar central na pregação cristã. Não para gerar um medo doentio, mas para ensinar sabedoria.

Recordar a eternidade muda completamente a forma de viver.

Quem se lembra de que o céu existe:

- relativiza as vaidades do mundo;
- suporta melhor o sofrimento;
- compreende o valor do sacrifício;
- luta contra o pecado;
- aprende a viver na esperança.



Pelo contrário, quando o homem esquece a eternidade:

- absolutiza o prazer;
- desenvolve um medo obsessivo da morte;
- transforma o sucesso em ídolo;
- perde o sentido do sacrifício;
- cai facilmente no niilismo.

Uma sociedade que esqueceu o céu acaba por tentar construir paraísos artificiais na terra... e normalmente produz novas formas de vazio e desespero.

O inferno: a verdade que o mundo moderno quer silenciar

O inferno existe realmente?

Cristo falou do inferno com enorme clareza — muito mais do que muitos imaginam.

O catecismo ensina:

«A infelicidade dos condenados consiste em serem privados para sempre da visão de Deus e castigados com tormentos eternos.»

A pior pena do inferno não é o fogo material.

A pior pena é a separação eterna de Deus.

Isto chama-se a «pena da perda»: perder para sempre o Bem supremo para o qual a alma foi criada.

O inferno não é um «capricho cruel» de Deus.

É a consequência definitiva da rejeição livre de Deus.



Deus não condena arbitrariamente. O homem pode fechar obstinadamente o seu coração à graça.

Porque falar hoje do inferno?

Muitos pensam que falar do inferno é antiquado, negativo ou pouco pastoral. Mas escondê-lo seria uma falsa caridade.

Se Cristo falou dele, a Igreja não pode calar-se.

Além disso, eliminar o inferno tem consequências graves:

- o pecado deixa de parecer sério;
- a Cruz perde o seu significado;
- a redenção torna-se desnecessária;
- a justiça divina desaparece;
- a liberdade humana perde importância.

Curiosamente, o mundo moderno fala constantemente de justiça... mas rejeita a ideia do julgamento eterno.

A doutrina católica mantém ambas as verdades:

- Deus é infinitamente misericordioso;
- Deus é infinitamente justo.

A misericórdia não elimina a liberdade humana.

O corpo também ressuscitará

O catecismo ensina uma verdade frequentemente esquecida:



«Depois da ressurreição, os homens serão ou felizes ou atormentados para sempre na alma e no corpo.»

O cristianismo não despreza o corpo.

Isto é extremamente importante numa época marcada por:

- ideologias que confundem a identidade humana;
- desprezo pelo corpo;
- hedonismo;
- transumanismo;
- redução materialista do homem.

A fé católica ensina que o corpo humano possui uma dignidade imensa porque está destinado a ressuscitar gloriosamente.

Cristo ressuscitou corporalmente.
E nós também ressuscitaremos.

A ressurreição final significa que o homem inteiro — alma e corpo — participará do seu destino eterno.

Todos receberão a mesma glória?

A resposta 252 do catecismo é profundamente interessante:

«Os bens do céu... serão maiores ou menores segundo os méritos ou deméritos de cada um.»

Todos os bem-aventurados serão perfeitamente felizes, mas haverá diferentes graus de glória.



Isto não produz inveja no céu, porque cada alma estará completamente cheia de Deus segundo a sua capacidade.

Os santos compreenderam isto perfeitamente. Por isso aspiravam a uma santidade heroica.

Cada ato de amor:

- uma oração feita com fé,
- uma penitência oferecida,
- uma confissão sincera,
- uma obra de misericórdia,
- uma cruz suportada com paciência,
- uma fidelidade silenciosa,

tem peso eterno.

Nada se perde diante de Deus.

A vida eterna começa já aqui

Embora o céu alcance a sua plenitude depois da morte, a vida eterna começa misteriosamente já aqui.

Jesus disse:

«A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro.» (Jo 17,3)

Cada vez que:

- rezamos,
- recebemos os sacramentos,
- adoramos Cristo,
- vivemos na graça,



- amamos verdadeiramente,

a eternidade começa a tocar a nossa vida.

A liturgia tradicional sempre conservou esta consciência da transcendência. O incenso, o silêncio, o canto gregoriano, a orientação para Deus, a sacralidade do templo... tudo aponta para a Jerusalém celeste.

A Igreja não existe simplesmente para melhorar o mundo temporal. Existe principalmente para conduzir as almas ao céu.

O significado profundo do «Amém»

O catecismo conclui perguntando:

| *«Que significa a palavra AMÉM no final do Credo?»*

E responde:

| *«Assim é... Creio que tudo o que está contido nestes doze artigos é pura verdade.»*

«Amém» não é apenas uma fórmula decorativa.
É uma profissão de certeza.

Quando o cristão diz «Amém» ao Credo, está afirmando:

- creio em Deus;
- creio em Cristo;
- creio na Igreja;
- creio na ressurreição;
- creio no julgamento;



- creio na vida eterna.

Mesmo sem ainda a ter visto.

Numa cultura dominada pelo relativismo, o «Amém» cristão é um ato de coragem espiritual.

A grande pergunta: para que estamos vivendo?

O último artigo do Credo obriga cada pessoa a fazer uma pergunta incómoda, mas decisiva:

Estou vivendo para a eternidade ou apenas para o presente?

Muitos vivem:

- acumulando bens que deixarão para trás;
- procurando fama passageira;
- consumindo entretenimento constante;
- fugindo do silêncio;
- evitando pensar na morte.

Mas mais cedo ou mais tarde todo homem comparecerá diante de Deus.

Os santos possuíam uma profunda liberdade interior precisamente porque se lembravam constantemente da eternidade.

Isto não significa viver obcecado pelo medo.
Significa viver orientado para o verdadeiro fim.



A esperança cristã diante do medo moderno

A nossa época tem medo:

- medo de envelhecer,
- medo de sofrer,
- medo de morrer,
- medo do vazio.

A fé cristã não elimina magicamente a dor, mas transforma radicalmente o seu significado.

O cristão sabe:

- que a morte foi vencida por Cristo;
- que o sofrimento pode santificar;
- que esta vida é passageira;
- que o verdadeiro amor permanece;
- que existe uma pátria eterna.

Por isso os mártires podiam morrer cantando.

Por isso os santos podiam suportar perseguições.

Por isso tantos cristãos simples enfrentavam a morte com serenidade sobrenatural.

Eles acreditavam verdadeiramente na vida eterna.

Conclusão: viver com os olhos voltados para o céu

O décimo segundo artigo do Credo não é uma ideia secundária. É todo o horizonte da existência cristã.

Toda a vida do crente muda quando ele compreende:

- que foi criado para o céu;



- que cada decisão tem peso eterno;
- que Cristo abriu as portas da salvação;
- que a morte não tem a última palavra.

A Igreja não anuncia apenas valores morais ou bem-estar psicológico. Ela anuncia uma promessa infinita:

Deus quer conduzir o homem à vida eterna.

E por isso, ao terminar o Credo, o cristão pode dizer com plena esperança:

«Amém.»

Assim é.

Assim creio.

E rumo a essa eternidade caminho.